

“Um livro para sorrir, se emocionar,
viajar, recordar e viver.” – FRANCE CULTURE

Françoise
Héritier

BEST-SELLER
1º Lugar
na França

O SAL DA VIDA

O que faz a vida...
VALER A PENA!

valentina 



Françoise Héritier

O SAL DA VIDA

Tradução

Maria Alice A. de Sampaio Dória


valentina

Rio de Janeiro, 2014

4ª edição

Copyright © 2012 by Odile Jacob

TÍTULO ORIGINAL

Le Sel de la Vie

CAPA

Rodrigo Rodrigues

FOTO DE CAPA

Darren Wong/Getty Images

FOTO DA AUTORA

DRFP

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2014

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Bibliotecária: Flávia L. B. Ranna Castainça CRB-7 6117

H548s

Héritier, Françoise

4. ed.

O sal da vida / Françoise Héritier; tradução de Maria Alice A. de Sampaio Dória. – 4. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2014. 108p. : 21 cm

Tradução de: *Le sel de la vie*

ISBN 978-85-65859-15-8

1. Héritier, Françoise. 2. Antropólogos – França – Biografia. 3. Antropólogos – França – Biografia. I. Título

CDD: 923

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

Apresentação

O texto que se segue poderá surpreender aqueles que me conhecem por intermédio das obras antropológicas. Com muita humildade, declaro o que ele é: uma “fantasia”, nascida com o correr da pena e da inspiração, e que tem uma história. Num belo dia de verão, se assim posso dizer, pois fazia um mau tempo, recebi um cartão-postal da Escócia. Alguém de quem gosto demais, o professor Jean-Charles Piette, “Monsieur Piette”, como eu o chamo intimamente, mandava-me algumas palavras da ilha de Skye. O cartão começava assim: “Uma semana *roubada* de férias na Escócia.”



Não posso deixar de explicar que, ilustre clínico geral, professor de clínica médica do Hôpital de La Pitié, adorado pelos pacientes, dos quais sou uma há trinta anos, Jean-Charles Piette vive exclusivamente para os seus doentes e o trabalho. Sempre o vi à beira do esgotamento físico e mental, consagrando muitas horas a cada paciente, capaz de acompanhar o último do dia até em casa porque o fez esperar demais ou ir buscar um deles na estação (agiu assim comigo certa vez), capaz de loucas generosidades e de atos impulsivos igualmente loucos. E eis que o termo, uma semana “roubada”, saltou diante dos meus olhos. Quem estava roubando o quê? Ele estava roubando um pouco de descanso de um mundo ao qual devia tudo ou, ao contrário, não era mais dono da própria vida e deixava que o entourage devorador, o trabalho obcecante, as múltiplas responsabilidades

esmagadoras tomassem posse dela? Nós roubávamos a sua vida. Ele roubava a própria vida.

Então, comecei a lhe responder neste sentido: o senhor escamoteia todos os dias o que gera o sal da vida. E qual o benefício, senão a culpa de nunca ter feito o suficiente? No início, fornecendo algumas grandes pistas, acabei gostando do jogo e me interoguei seriamente sobre o que era, o que havia sido e o que continuaria a ser, de fato, o sal da minha vida.

Portanto, o que se segue é uma enumeração, uma simples lista, numa única grande frase, que me veio assim, só, intermitente, como um longo monólogo murmurado. Trata-se de sensações, percepções, emoções, pequenos prazeres, grandes alegrias, às vezes profundas decepções e mesmo dores, se bem que o meu espírito tenha se voltado mais para os momentos luminosos da existência do que para os momentos sombrios, pois eles



existiram. Aos pequenos fatos bem gerais, cuja realidade qualquer um poderá experimentar algum dia (falo quase sempre de maneira neutra, isto é, segundo o uso, no masculino), fui misturando, progressivamente, lembranças particulares, duradouras, fixadas para sempre em fortes imagens mentais, instantâneos deslumbrantes, cuja experiência pode ser, acredito, transmitida em algumas palavras. O resultado é uma espécie de poema em prosa em homenagem à vida.

Penso ter levado, é verdade, uma vida isenta de grandes tormentos. Tive a sorte de exercer uma profissão de questionamentos intelectuais que dão um realce à existência e, ao cotidiano, um toque de encanto extraordinariamente raro. Sempre senti muito prazer em trabalhar e continuo a senti-lo. Tive a sorte de não conhecer a miséria nem passar por grandes dificuldades para simplesmente sobreviver, como milhões de seres humanos. As minhas palavras poderão, portanto,

parecer um discurso hedonista de uma vida privilegiada. Contudo, arrisco-me a crer que, ao falar do que é experimentado puramente pelos sentidos, essas palavras representem a vivência concreta de todos os seres humanos.

O leitor sentirá a defasagem do tempo. Nasci antes da Segunda Guerra Mundial, que muito me atingiu sem que eu sofresse gravemente, pois, ao contrário, ela me permitiu conhecer, durante umas longas férias na região de Auvergne, hoje o Parque Natural Livradois, a população rural e um modo de vida desaparecidos. Minhas estadas na África aparecerão em filigrana. A experiência da doença também. E sempre os encontros, o insólito, o olhar atento dirigido à natureza, ao que ela produz, aos animais, aos ruídos, aos sons, às luzes e às sombras, aos aromas, aos sabores... E, sobretudo, aos outros.





Aqui não se encontrará, ou talvez raramente, aberturas sobre a minha vida privada. Tampouco sobre os prazeres da vida intelectual, da pesquisa, da escrita, prazeres estes, no entanto, intensos. Igualmente, nada direi sobre amores, que tiveram o seu lugar na minha vida, como ocupam, suponho, um lugar todo especial na vida dos leitores. Essa não é a minha proposta. Qual será ela, então?

Existe, sim, uma forma de leveza e de graça no simples fato de existir, que vai além das ocupações profissionais, além dos sentimentos poderosos, além dos engajamentos políticos e de todos os gêneros, e foi unicamente sobre isso que eu quis falar. Sobre esse pequeno *plus* que nos é dado a todos:

O SAL DA VIDA

13 de agosto

Fiquei radiante ao receber ontem o seu cartão e em saber que tirou férias nesse belo lugar de sonhos. O senhor está bem no centro das brumas escocesas. No entanto, não “roubou” as suas férias, no sentido de espoliação ou de desfalque. Eu diria que é a sua própria vida que o senhor rouba diariamente.

Se nos basearmos na expectativa de vida, aqui na França, em média de 85 anos, ou seja, 31.025 dias, com, sempre em média e por alto, 8 horas de sono diário; 3h30 para as compras, o preparo das refeições, para comê-las, lavar a louça etc.; 1h30 para a higiene, os cuidados com o corpo, os tratamentos



de saúde etc.; 3 horas para os serviços domésticos, cuidar das crianças, no transporte, as diversas providências a serem tomadas, os pormenores etc.; 140 horas de trabalho por mês em 45 anos, à razão de 6 horas por dia (sem levar em conta o prazer que possamos ter com ele); 1 hora por dia de compromissos sociais obrigatórios, conversas com os vizinhos, happy hours, congressos, seminários etc.; o que sobra ao cidadão comum, homem ou mulher, para as atividades que constituem o sal da vida?

Os finais de semana prolongados, o teatro, o cinema, a ópera, os concertos, as exposições, a leitura, a música – que ouvimos ou executamos –, as artes diversas que praticamos, o passeio sem destino, as excursões, as viagens, a jardinagem, as visitas aos amigos, a doce ociosidade, a escrita, a criação, o devaneio, a reflexão, o esporte (todos os esportes), os jogos de salão e tabuleiro, o jogo

simplesmente, as palavras cruzadas, o descanso, a conversa, a amizade, o flerte, o amor e, por que não, os prazeres que nos dão sentimento de culpa? E olhe que eu nem falei de sexo. Vamos lá, aposto mil contra um que o senhor não adivinha: resta, apenas, para tudo isso, 1h30 por dia durante o período considerado economicamente ativo da vida, e de 5 a 6 horas antes ou depois dessa fase.

E aí está o senhor prolongando o seu tempo de trabalho, tomando-o de todos os outros tempos e pondo de lado todas essas coisas agradabilíssimas às quais aspira o mais profundo do nosso ser.